



Análise de Programas Eleitorais
Eleições Legislativas 2019
SAÚDE

POSITIVO: CONSENSO SOBRE ACESSO ALARGADO CENTRADO NO CIDADÃO

A maioria dos programas parece terem aceite a ideia de que os desafios do SNS nos últimos anos passam por investir e focar em:

- Melhorar o acesso a cuidados de saúde primários para toda a população, investindo em áreas como saúde oral, oftalmologia e saúde mental, e aumentando efetivamente a abrangência dos cuidados de saúde primários.
- Promoção da saúde, apostando nomeadamente na prevenção e educação para a saúde.
- Mais e melhores cuidados de saúde continuados e paliativos, em resposta às alterações demográficas.

Outro denominador comum entre os vários programas é a necessidade de melhorar a articulação do sistema e o foco no paciente, com promessas de proporcionar à população os melhores cuidados de saúde, no local e “timing” certo.

Finalmente, a maioria dos partidos aceita que o futuro do SNS depende da capacidade do mesmo para recrutar, reter e motivar profissionais de saúde.

DESAFIOS: ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E FINANCIAMENTO

A forma de chegar a estes objetivos difere, no entanto, de partido para partido.

Duas linhas de pensamento político emergem:

De um lado, PS, BE, PCP e PAN parecem ter adotado uma abordagem “*Beveridgeana*” à estruturação e financiamento do sistema, ou seja, através de impostos centralizados (apesar de não revelarem detalhes sobre como chegam a estes fundos adicionais). A questão-chave é saber se existirá disponibilidade financeira para cumprir as promessas nos seus programas.

Do outro lado, PSD, CDS, Aliança e Liberal parecem acreditar que a combinação de financiamento público e privado terá melhores resultados do que os conseguidos até à data, com o PSD a ostentar uma visão mais conservadora deste sistema misto, e o CDS e Aliança a adotarem um modelo fortemente “*Bismarkiano*”, preconizando por exemplo, pela promessa de ADSE e seguros para todos.

Assim, entendemos classificar os programas propostos pelos partidos com a seguinte avaliação:

POSITIVO

PS

Pela promessa de mais serviços e maior acesso. Pela intenção de melhorar as condições de trabalho dos profissionais de saúde (embora com uma medida de impacto duvidoso – a obrigação de permanência em troca de formação – arriscando piorar relações já tensas entre profissionais e a tutela). Positivo ainda por uma ideia interessante nos cuidados de saúde primários, com potencial de redução de desigualdades e melhoria de acesso: as unidades móveis para zonas com população geograficamente dispersa e com pouca mobilidade.

Trata-se de um programa positivo, mas sem mudanças estruturais significativas, e que dependerá essencialmente da capacidade de financiamento (um problema nos últimos anos).

PSD

Pela aposta clara na educação e prevenção. Pelas novas abordagens aos cuidados continuados e paliativos e alargamento do apoio domiciliário que, se feito em articulação com os cuidados de saúde primários, pode melhorar o acesso e ao mesmo tempo ajustar o que é feito às preferências e necessidades de cada um.

Pela promessa de mais autonomia para os profissionais de saúde, com foco em resultados e não em produção.

A articulação com um sistema privado de cuidados de saúde primários parece interessante, mas aumenta o risco do SNS ficar “refém” e assim perder os ganhos de eficiência prometidos.

CDS

O programa promete investimento e mais acesso, e introduz a figura do “enfermeiro de família” que poderá ter um papel importante na saúde pública. Ao falar em ADSE para todos, o CDS afirma a crença num sistema semelhante ao Alemão ou Holandês - é uma mudança radical em relação ao sistema atual. No entanto, esta maior liberdade de escolha poderá comprometer o papel do médico de família como coordenador de cuidados de saúde, e gerar grandes ineficiências e inequidade no sistema. Um programa que promete mais serviços, mais qualidade e melhor eficiência, com algumas dúvidas sobre a sua exequibilidade

NEM POSITIVO, NEM NEGATIVO

BE

O programa promete investimento e recrutamento, a redução do papel dos privados no SNS e mais investimento e autonomia para os profissionais de saúde. Existem algumas contradições no programa – por exemplo, mais autonomia para recrutamento e, mais tarde, um plano centralizado para aumentar vagas. Há ainda pouca informação sobre medidas específicas.

PCP

Porque é demasiado vago relativamente ao que será a organização e o papel dos cuidados de saúde primários, continuados e paliativos. Uma lista de intenções positivas, sem grande detalhe sobre como implementar, como assegurar resultados e como financiar.

NEGATIVO

Aliança

Porque não é claro sobre a forma como tenciona compatibilizar relações de longo prazo nos cuidados de saúde primários com um sistema de seguro de saúde complementar. O programa inclui uma lista de soluções pouco integradas, e deixa dúvidas sobre a sua exequibilidade.

PAN

Algumas medidas específicas soltas, mas nenhum plano abrangente para o SNS, parecendo ignorar os desafios e dificuldades dos últimos anos.

Lisboa, 18 de setembro de 2019

João DUQUE

Abel MATEUS

Alexandre PATRÍCIO GOUVEIA

Álvaro BELEZA

Carlos ALVES

Gustavo GUIMARÃES

José AZEVEDO PEREIRA

José RIBEIRO E CASTRO

Luís Filipe PEREIRA

Maria João LOURO

Nadim HABIB

Pedro PITA BARROS

Rui PAIVA